

CARTAS A LILIANA SOBRE UMA MULHER
DAS CIDADES FUTURAS

Marijke/Maria Helena de Koning

Resumo Neste artigo, apresenta-se uma leitura do livro *Mulher das Cidades Futuras*, procurando analisar como, através de Maria de Lourdes Pintasilgo, o *Graal* se tornou presente na sociedade portuguesa. Realiza-se um movimento de vaivém entre excertos de três intervenções orais suas que tiveram lugar em contextos do *Graal* nos anos 2002 e 2003 e frases de pessoas que escreveram o livro¹.

Palavras-chave Mulher, Entusiasmo, Futuro.

*E carregas nos ombros, dia a dia,
esse pesado manto de utopia,
tecido em pó que à terra um deus lançou.*

Hélia Correia (2000: 127), in *A Mulher das Cidades Futuras*.

Carta Preliminar: Não deixar morrer uma *história*

Querida Liliana

No início do ano 2001 escrevi, a propósito da minha experiência de trabalho em projectos do *Graal*: «... há um ciclo que se fecha, para que se abra outro. Encontro-me neste ponto impreciso de transição. (...) Viajante, olho para trás, vendo ainda a paisagem enquanto desaparece e se transforma em memória. Haverá memória disponível deste passado enquanto houver palavras para a dizer. (...) Faz sentido não deixar morrer certas *histórias*, para que elas possam dar continuidade a experiências iniciadas e inseridas na tentativa de humanizar o mundo».

Hoje, Liliana, não quero deixar morrer uma outra *história* que te vou contar. É uma *história* de um ciclo que não se deixa fechar. Resiste (e resisto) ao desaparecimento de alguém que lançou uma pedra num lago. Já parou a mão que lançou a pedra. Pedra que vai provocando o movimento de círculos cada vez mais

1 Todas/os as/os autoras/es referidos neste texto são citados da obra em estudo.

amplos. «A mão pára/mas o gesto continua/inventando línguas impossíveis (...)» (Fanha, 2000: 89). É como se a pedra quisesse continuar a cair e fixar-se no efeito do preciso momento em que toca a água. Não há ponto, mesmo impreciso, de transição. Há continuação, sim, do efeito que me vai atravessando. O efeito de uma mulher de cidades futuras, «uma mulher estruturante (...) uma referência central nas nossas (minha) vidas» (Araújo, 2000: 120).

Liliana, tudo o que aprendi a pensar e a agir com Maria de Lourdes Pintasilgo, paira como uma brisa sobre a superfície da água. Está em queda livre até ao fundo. Ainda não é o momento para escrever. Apesar disso aceitei «ocupar» uma parte das páginas disponibilizadas ao *Graal* na revista *ex aequo*, para responder a um «desafio que Maria de Lourdes me lançou» e ao qual nunca dei «resposta»: analisar a colectânea de textos que lhe foi oferecida em 18 de Janeiro de 2000, dia em que completava 70 anos de vida. «Analisar em grupo», dizia ela, «o livro *Mulher das Cidades Futuras* na perspectiva do que os textos dizem do *Graal*, abstraindo da pessoa dela». Tarefa impossível, esta abstracção. Cheguei a fazer a proposta num grupo, mas não foi possível concretizá-la. Neste texto retomo o desafio e, embora seja sob forma de uma produção solitária, situa-se numa história que «é sempre a do nosso *ser com alguém*» (Seabra Diniz, 2000: 145).

Escrever, Liliana, sobre o *Graal* na *Mulher das Cidades Futuras* é escrever sobre o *Graal* na pessoa de Maria de Lourdes Pintasilgo, sobre a forma como ela «o passou» às gerações seguintes e sobre os efeitos que a sua forma de ser e agir deixou na sociedade portuguesa, enquanto pessoa que se formou também no contexto do *Graal*.

Vou tentar, Liliana, realizar um movimento de vaivém entre excertos orais da Maria de Lourdes em contextos do *Graal* e o que os/as vários/as autores/as dizem dela. As suas vozes vão povoar um conjunto de cartas que te vou enviar. Espero conseguir produzir um efeito de «reflexo mútuo» da inspiração que a presença de Maria de Lourdes foi e é no *Graal* e na sociedade portuguesa. «Luminosa e profética», «desafiadora» e também «perturbadora» (Dacosta, 2000: 99). Para muitas e muitos «uma luz de referência numa rede de solidariedades» (Monteiro da Silva, 2000: 107).

Para realizar este «vaivém» entre os textos escolhi, em primeiro lugar, no livro *Mulher das Cidades Futuras* frases dos e das autores/as que falam de Maria de Lourdes Pintasilgo. Trata-se de frases que têm a ver com o que ela achava importante no *Graal*. Em segundo lugar, recorro a Maria de Lourdes e ao que disse nas três últimas intervenções orais realizadas no *Graal*. Trata-se de intervenções não divulgadas e transcritas de gravações vídeo, intituladas:

1. *A Vida Profissional e Mudança da Sociedade* («Professional Life and Societal Change»), no Congresso Mundial de jovens profissionais, realizado na Praia Grande, Sintra em Julho de 2002.
2. *A História do Graal em Portugal*, num Encontro Nacional que teve lugar no Centro de *Graal* na Golegã, no dia 22 de Setembro de 2002.

3. *A Vida e a Acção do Graal em Portugal*, num «encontro aberto» no contexto de uma Assembleia Geral do *Graal*, no dia 22 de Fevereiro de 2003.

Arrisco publicar excertos destas intervenções no registo da pura oralidade com o objectivo de a «ouvir contar a história», sabendo porém que Maria de Lourdes teria trabalhado o texto para a sua versão escrita.

Liliana, no livro *Mulher das Cidades Futuras* encontrei sete temas que irão dar os títulos às próximas sete cartas. Cada carta começa, após uma pequena introdução minha, com vozes das pessoas que escreveram o livro. Das 128 pessoas 70 estarão aqui presentes. Em cada tema as suas vozes compõem, enquanto «Sujeito Colectivo», um texto único, tendo cada texto um título inspirado num/a dos/das autores/as. O que as suas vozes exprimem varia: tanto podem dizer algo sobre Maria de Lourdes (ELA), como podem falar de si próprios/as em relação a ela (EU) ou referirem ideias centrais da sua *praxis* (IDEIAS). A seguir há em cada carta alguns excertos das intervenções de Maria de Lourdes.

Os nomes dos/das autores/as encontram-se por ordem alfabética no anexo.

Carta Primeira: O seu mundo

Liliana, sempre senti na Maria de Lourdes uma grande capacidade de estar inteiramente presente com a pessoa com quem estava a falar. Mas esta presença era atravessada pelo mundo que era seu, como se ela fosse uma janela, permitindo ao outro ver mais além através dela.

O Sujeito Colectivo no livro *Mulher das Cidades Futuras*:

«O mundo a que pertence e que é o seu» (Bruto da Costa, 2000: 23).

ELA: «(...) uma mulher na vanguarda da análise e da opinião, enquanto vai contribuindo activamente para influir na história do nosso tempo numa dimensão mundial» (p. 18).

«Sonhou o sonho desperto, atento e solidário com as pessoas e com o mundo em que vive» (p. 23).

«(...) busca de respostas aos problemas que a inquietam, explorando novas perspectivas e adquirindo pensamento novo» (p. 241).

«(...) soube sempre situar num tempo (...) os grandes problemas e as grandes preocupações e inquietações da Comunidade a que pertencemos» (p. 252).

«(...) tem face ao mundo uma postura de solicitude; vê, comove-se, age» (p. 192).

EU: «Tinha catorze, quinze anos e o mundo de que ela falava era diferente daquele que eu olhava. (...) O mundo da Maria de Lourdes era redondo e feito de muitos povos, muitas cores, distintas raivas, distintas fomes» (p. 33).

«(...) aprendi a tentar olhar para todas as dimensões da vida» (p. 57).

«Falámos de nós, e ao falar de nós falamos do mundo porque o mundo está contido em nós, o que nem sempre é visível mas na Lourdes Pintasilgo é» (p. 179).

Nas intervenções da Maria de Lourdes, Liliana, o mundo é sempre o contexto que a move. Também já foi assim quando em 1957 o *Graal* deu os seus primeiros passos em Portugal pela sua mão e pela da Teresa Santa Clara, falecida em 1996 quando tinha apenas 60 anos. Ela mostra vários exemplos de começos no mundo que atravessam o começo do *Graal* em Portugal.

«De certa maneira, todos os começos têm um contexto, contexto que é nosso, que é o nosso encontro connosco próprias, mas contexto que é também e sobretudo no que diz respeito ao *Graal*, um contexto do mundo, um contexto do movimento religioso e espiritual, contexto da evolução das mulheres e, ao fim e ao cabo, contexto também das grandes linhas da cultura e dos vários aspectos da Ciência e da Cultura. Quando digo cultura, refiro-me também à Ciência, que para além das Artes e das Humanidades, também faz parte da Cultura».

Foi em 1957 que foi lançado para os céus o primeiro *Sputnik*. (...)

Há um outro começo, muito interessante, que nos diz respeito, embora tenha passado em Portugal bastante despercebido, que foi a assinatura do Tratado de Roma. (...)

Foi também em 1957, e isto é muito importante, que pela primeira vez a Igreja falou do Continente Africano como de um continente que tinha de ser olhado e que tinha de ser objecto do cuidado das outras Nações.

Talvez valha a pena dizer que houve também, no plano cultural, algumas coisas que não passaram despercebidas: foi o começo da «cultura do risco». Foi nessa altura, em 1957, por exemplo, que James Dean, aquele rapazinho heróico fez “A Leste do Paraíso” e “A Fúria de Viver” (...). Há qualquer coisa de extremamente forte nesta ideia de “fúria de viver”.

Começa também, nesta “cultura do risco”, o problema dos vários grupos étnicos, que são tratados de uma forma lindíssima no *musical* americano, o *West Side Story*, e que vem acentuar os conflitos que estavam latentes.

Não posso esquecer que neste período, já um pouco mais tarde, em 1959, Fidel Castro ganhou a Revolução em Cuba e podemos dizer que foi então que o ideal revolucionário começou a tomar forma. Este ideal revolucionário estava, por assim dizer, adormecido. Havia sem dúvida partidos de oposição, mas o ideal revolucionário era outra coisa. Também nós aqui o desenvolvemos nos anos 60. Tivemos a propósito disto umas sessões de trabalho com um teólogo italiano, Girardi, que era o homem da Teoria da Revolução. Nós próprias escrevemos que a Revolução tem de ser radical, universal e global. Portanto, essa era a nossa perspectiva – era preciso mudar, mudar tudo. (...)

Ora bem, é neste contexto mundial, eclesial, cultural, que tem de ser completado, (estou apenas a dar apontamentos) que há realmente o começo do *Graal*».

(em *A História do Graal em Portugal*, 22 de Setembro de 2002).

«Estamos num mundo todo ele conectado entre si. E este mundo conectado culturalmente está numa enorme transição. (...) A manifestação* de sábado ocorrida em mais de 600 cidades do mundo foi na prática a demonstração do mundo conectado, (...) a realidade de pessoas concretas. (...) As pessoas ultrapassaram os seus medos para se sentirem uns com os outros. (...) Um amigo, Francisco Louçã, telefonou-me e disse: “Maria de Lourdes, foi realmente um dia novo. Foi um dia inaugural”. (...) Um dia inaugural fala de qualquer coisa que está em marcha. (...) Desencadeou-se em muita gente esta ideia de uma era inaugural. A propósito desta viagem que é o *Graal* temos de perguntar: “Como vamos viver esta inauguração”. Isto anima-me imenso. Só tenho pena de não viver mais anos. (...) Perante um mundo extremamente complexo podemos perguntar: “Que capacidade tem o ser humano, temos nós, cada uma de nós, os homens em conjunto, para responder, viver estas dimensões todas? Para fazer este acto inaugural, que escolhas precisamos de fazer, que prioridades temos de estabelecer?”».

(em *A Vida e a Acção do Graal em Portugal*, 22 de Fevereiro 2003)

* Manifestação pela paz no dia 15 de Fevereiro

Liliana, por hoje deixo-te ficar com estas questões tão actuais deste nosso mundo em transição.

Carta Segunda: A sua participação na *polis*

Liliana, lembras-te daquele ensaio da Maria de Lourdes na Visão de 25 de Janeiro de 2001? Perguntava no título «Até onde pode ir a tolerância?» e questionava a prática de consenso que tudo reduz a um menor denominador comum. A sua vontade de questionar e inovar era incómoda para um certo tipo de pessoas e grupos e por isso, também ela foi às vezes empurrada para as margens.

O Sujeito Colectivo no livro *Mulher das Cidades Futuras*:

«Nunca se abrigou em opiniões que garantiam simpatias maioritárias» (Barreno, 2000: 211).

ELA: «(...) uma fonte de inspiração e de estímulo para os que procuram tornar o actual sistema democrático mais autenticamente democrático» (p. 243).

«(...) ela representava (...) a possibilidade de uma reflexão conjugada, de uma acção participada, o abrir para as novas questões» (p. 119).

«(...) faz com que as pessoas procedam inteligentemente» (p. 160).

«(...) o gosto e a capacidade de cuidar da Polis. (...) um conceito vivo de cidadania (...) crença de que o mundo é, ainda e apesar de tudo, o que cada um vai fazendo dele (...)» (p. 217).

«(...) o seu discurso, inovador para o tempo» (p. 13).

«(...) caminhando à frente do tempo, inventando novas soluções» (p. 203).

«(...) tem apelado justamente a que “façamos ondas”. E anima-nos a navegar» (p. 163).

«“Uma certa perturbação ao sistema” (...)» (p. 227).

«(...) influente dinamizadora de movimentos sociais (...)» (p. 79).

«(...) uma mulher com a forte e serena coragem de se entregar a uma missão» (p. 67).

EU: «Aprendi com ela a acreditar mais nos outros. E a acreditar mais na política, também» (p. 219).

«Com a Maria de Lourdes aprendi que vale a pena remar contra a maré, por vezes utopicamente, mas também com os pés bem assentes no chão» (p. 96).

IDEIAS: «E num mundo de medíocres perde-se o fôlego, fica-se perplexo» (p. 207).

«(...) repensar o destino humano à luz de critérios outros que o sacrossanto interesse material (...)» (p. 237).

«O agir é, ao mesmo tempo uma esperança e uma responsabilidade» (p. 58).

«(...) o poder como um meio e não como um fim (...)» (p. 245).

«(...) desejo de mudar coisas que grande parte dos políticos parecem considerar como imutáveis (...)» (pp. 69-70).

«A política é o lugar em que se faz corpo e palavra e obra e instituição e história o sentido da verdade e da liberdade» (p. 189).

«Levantar a poeira, /e fazê-lo de uma forma tão audaz e Radical/que o seu cair desenhe uma nova paisagem» (p. 205).

Seguem-se vários excertos, Liliana, sobre o tipo de sociedade que se foi produzindo. Sobre a nossa forma de participar na construção do tecido social. Sobre a consciência que temos do tempo. Resolvi não lhe cortar demasiado a palavra para dar espaço ao seu «ser narrador». Lembra-te como falou no Porto no âmbito dos 30 anos do 25 de Abril? Foi com uma atitude muito crítica, mas foi também muito divertido. Liliana, repara também no que Maria de Lourdes diz do tempo e das «escolhas a montante»!

«(...) passou-se de uma sociedade industrializada, baseada na produção, como fonte de riqueza, para uma sociedade de consumo, como fonte de rentabilidade. Quer dizer, o consumo não dá rentabilidade, quando muito dá emprego às pessoas que o vendem, ao passo que a produção tem que ser necessariamente uma fonte de riqueza, ou então não se produz. Inaugura-se, nessa altura a economia de supermercado e encoraja-se uma ilusão de autonomia e de poder face aos bens que temos diante de nós. E quando ouvimos dizer que neste momento, em Portugal, as famílias estão endividadas em 96% do seu rendimento mensal, é caso para pensar onde estamos, ou o que aconteceu? Se o *Graal* existe para transformar o mundo, para a conversão do mundo e transformá-lo, acho que há também aí alguma coisa a dizer. (...) Em 76 escrevi numa revista francesa, “La Révolution Inachevée”. Dois anos depois

do 25 de Abril, porém, já eu achava que a revolução estava inacabada. Houve uma grande força inicial e depois tudo se calou, isto é, Portugal é hoje um país afásico, embora cheio de palavras e de ruídos. Há o chamado ruído que, sociologicamente, é definido como esse conjunto de sons contraditórios que são poluentes do nosso próprio espírito, da nossa própria independência. Tornou-se num país de individualismo feroz e tornou-se (o que agora acho uma contradição maior) num país onde toda a gente diz não ter tempo. E paradoxalmente é o país com a menor produtividade de toda a Europa. Não se tem tempo e ao mesmo tempo não há produtividade? Há aqui uma contradição fundamental em que é preciso pensar».

(em *A História do Graal em Portugal*, 22 de Setembro de 2002)

«Tenho um sentimento cada vez mais forte de que há imensa coisa que é preciso saber. Há um elemento importante: o tempo que temos para saber. Acho importante distinguir entre o tempo subjectivo e o tempo objectivo.

Quanto ao tempo objectivo (...) são muito importantes as testemunhas privilegiadas dos vários momentos históricos. Há um artigo colossal no livro (*Mulher das Cidades Futuras*) de Seabra Diniz que diz: “O ser humano, quando se humaniza, torna-se um ser narrador” (p. 145). Um ser narrador que é capaz de narrar com exactidão o que aconteceu.

O tempo é a trama da nossa própria existência. O tempo subjectivo é uma coexistência com a vida pessoal. Eu só existo enquanto pessoa enquanto vivo o tempo e enquanto tenho consciência do tempo.

Isto tem muito a ver com o Graal. Por exemplo os projectos em que várias pessoas aqui presentes estão a trabalhar. Projectos sociais e na área cultural. Este tempo usado assim é o tempo da nossa própria existência. Somos donos do nosso tempo. Somos donos a montante, nas escolhas daquilo que queremos fazer. Uma vez que estamos dentro de uma engrenagem, não somos donos do nosso tempo, mas a montante somos donos do nosso tempo. (...) O tempo é nosso na medida em que nos agarramos a ele e que ele se cola a nós. A vida é o tempo colado à nossa própria existência, mas é preciso fazer muitas escolhas a montante» .

(em *A Vida e a Acção do Graal em Portugal*, 22 de Fevereiro 2003)

«O nosso devir, o que vamos sendo, é um projecto de vida. Está ligado às escolhas que vamos fazendo a todos os níveis. Às vezes, no trabalho, sentimos uma certa realização, mas também tem de haver resistência contra aquilo que a sociedade é. A sociedade que se impõe a nós legitima a nossa raiva de resistência. Sabemos que as coisas podem ser diferentes. Saber, é ter esperança e a esperança ajuda a dizer *não*, embora não o possamos sempre fazer».

(em *A Vida profissional e Mudança da Sociedade*, Julho de 2002)

«(...) a revolução, que levámos vários anos a discutir, ou seja, o modelo de sociedade que queríamos, discussões que eram debatidas em reuniões muito intensas com documentos preparados. (...)

Mas a revolução, de certa maneira, apareceu-nos como se já tivéssemos tudo preparado. Foi um pouco o mesmo que nos aconteceu com o Conclio (...).

Foi a célebre ideia do consenso que destruiu completamente o espírito da Revolução. Quando há uma ideia a ser discutida o consenso pode reduzir tudo a um menor denominador comum (...).

Não é ser contra o diálogo, mas contra um consenso que marginaliza todos aqueles que têm alguma coisa nova a dizer. (...) Isto é verdade na sociedade e, até certo ponto, também tivemos este fenómeno no *Graal*».

(em *A História do Graal em Portugal*, Setembro de 2002)

«É preciso conhecermo-nos a nós próprias. Sei que isto é uma afirmação muito socrática, mas encontramos isto em todas as escolas de sabedoria, não há fronteiras. Há uma maior unidade quando nos conhecemos melhor. É um processo que não acaba aos vinte, trinta ou setenta anos. Podemos sempre aprofundar mais quem somos. Vivemos através de diferentes ciclos de vida. É diferente o que sentimos aos vinte, cinquenta ou setenta anos, embora possamos sentir uma ligação interior e uma unidade. As abordagens em cada fase são diferentes. Quando tinha entre vinte e trinta anos, pensei que ia mudar o mundo. Quando mudava de actividade, tanto em termos profissionais como noutros, sempre me perguntei: “E então? O que mudei com isto?”. Em momentos diferentes das nossas vidas temos também prioridades diferentes.

Gostava de sublinhar as palavras que vocês disseram: desenvolvimento; mulheres; compreensão; curiosidade; fazer face à complexidade. Tudo é feito em fases. Não no sentido de voltarmos sempre ao mesmo ponto. Mas no sentido do Zyurat, o edifício que existe na tradição muçulmana. É andar às voltas, chegar a uma outra plataforma, antes de nos darmos conta.

Há passos a dar e há fases para descobrir quem somos e quais as escolhas a fazer. Há o empenho no trabalho, mas o trabalho também nos molda. E às vezes, quando oiço alguém falar do seu trabalho, penso que se tornou exactamente igual aos outros. Assim, a pessoa não fala a partir do seu nível mais profundo, o nível onde já está formada».

(em *A Vida Profissional e Mudança da Sociedade*, Julho de 2002)

Tenho pena, Liliana, de não ter perguntado a Maria de Lourdes quem era o poeta. (Eu estava a traduzir a sua intervenção para as duas participantes da República Democrática do Congo.) A minha condição de *estrangeira* mantém em mim um grau de literacia deficiente e irrecuperável relativo à cultura do teu país. Precisava de uma segunda vida para diminuir este défice. Pode ser que me possas encontrar a referência, que desde já te agradeço.

Carta Terceira: O seu empenho nos movimentos de mulheres

Liliana, pouco tempo antes da Maria de Lourdes morrer ainda participou em dois momentos num *Seminário Evocativo do I Congresso Feminista e da Educação em Portugal*, que se realizou no mês de Maio em Lisboa. Foi entrevistada por

Anabela Mota Ribeiro, num registo de «contar tudo», e participou numa mesa redonda sobre as *Novas Cartas Portuguesas*. Ambas as intervenções vão ser publicadas no livro que reúne os textos do Seminário.

Há cerca de dois anos escreveu um artigo para a revista *ex aequo*, mas infelizmente o computador pregou-lhe uma partida. Perdeu o texto e foi impossível recuperá-lo. Tive muita pena, Liliana, porque era uma espécie de texto-síntese do seu pensamento sobre a questão das mulheres. Vamos ouvir as vozes do Sujeito Colectivo sobre esta dimensão da sua vida.

O Sujeito Colectivo no livro *Mulher das Cidades Futuras*:

«**Cumplicidade que só as mulheres conhecem**» (Avillez, 2000: 213)

EU: «Não conheço pessoalmente Maria de Lourdes Pintasilgo, (...) mas de quem me sinto intimamente próxima pelos ideais de uma “ética do serviço bem feito”, pela atenção às formas alternativas de sociedade e pela militância na causa da dignificação das mulheres, pela via do trabalho e da competência» (p. 85).

«Embora reconhecendo-me “pequena” em confronto com ela, travámos uma conversa de igual para igual, falámos de tudo e de nada e, no fim, senti que a minha alma vinha mais liberta e mais “lavada”» (p. 135).

«(...) para mim significou o abrir de muitas portas e espaços novos» (p. 249).

ELA: «O seu exemplo de cidadã empenhada (...) já inspirou outras mulheres» (p. 26).

«(...) um modelo do que uma mulher pode trazer de belo de diferente na sociedade e na política (...)» (p. 225).

«(...) ela dispunha-se a contar tudo (...)» (p. 165).

«Uma mulher simples em que a sua linguagem se faz entender em todas as classes sociais» (p. 93).

«Mulher assumida, mulher lutando para o crescimento e a integração das mulheres em todos os domínios da vida pública» (p. 173).

«(...) trazendo a problemática do género para o coração da acção política, insistindo nas pessoas-em-concreto, como sujeito e actores do seu próprio desenvolvimento (...)» (p. 57).

«(...) avessa à aceitação de regras impostas, uma necessidade de expressão raramente livre e independente» (p. 224).

«(...) recusava-se a imitar a política no masculino» (p. 107).

IDEIAS: «As mulheres, sobretudo as mulheres com responsabilidades na educação, não podem distrair-se da sua própria construção-de-ser um momento que seja» (p. 210).

«(...) cumplicidade que só as mulheres conhecem porque é parte e pertença do território feminino, fruto de um olhar que se pousou da mesma maneira sobre o mundo (...)» (p. 213).

«Em muitos sentidos, o século que finda foi, na Europa, pelo menos, o século da Mulher. (...) Um espaço lhe era, se não vedado e ainda menos interdito, pelo menos pouco acessível: o do Poder, em todas as suas formas mas sobretudo naquela que parece resumir todas as outras, a do poder político» (p. 75).

Liliana, foi pena não te conhecer ainda em 2002 porque ter-te-ia convidado a participar no Congresso Mundial de jovens profissionais e terias assistido à «conversa» da Maria de Lourdes com essas jovens. Mas existe o vídeo em que vemos as jovens dos vários países falar da sua experiência no mundo do trabalho, a que se segue a reflexão da Maria de Lourdes.

No segundo excerto desta carta a Maria de Lourdes fala na apropriação, pelas primeiras mulheres do *Graal*, do mito aparentemente masculino que é a lenda do *Graal*.

«Quem sou neste mundo? Em termos filosóficos é preciso ter presente o posicionamento existencialista. Eu-com-os-outros-no-mundo. Não posso separar o *eu* do *nós* e do facto que isto acontece no mundo, na sociedade. Considerando o que a economia de mercado faz de nós, penso que cada geração tem de recomeçar. Quando escolhi a profissão de engenheira, pensei que estava a preparar o caminho para a geração seguinte. (...) Da minha experiência, e da experiência de outras mulheres, amigas com experiências semelhantes à minha, no Canadá e noutros países, sentimos que fomos abrindo portas. Mas não abrimos todas as portas necessárias. Num certo sentido viemos de muito longe. As mulheres vêm de muito longe e cada geração tem de dizer o que serve e o que não serve, tanto para si como para os outros. E isto exige um conhecimento pessoal enorme e a capacidade de ler os sinais da sociedade que vêm ao nosso encontro. Os homens têm realmente medo de mulheres que tomam posição. Para fazer face a isto, digo: as pessoas julguem quem quiserem, mas o trabalho tem de ser feito. Estamos muito longe de alcançar a nossa meta.

Penso também que somos herdeiras de uma cultura de mulheres, que não se devia perder e sobre a qual devíamos construir. Para sermos nós próprias temos de nos situar nesta rede de herança de valores e atitudes. A pessoa tem de conhecer-se a si própria, para que possa fazer algo para o outro. O que deixamos ficar, é o que fazemos e somos nas nossas vidas. Isto é qualquer coisa que se irradia para os outros. Pode ser no trabalho com crianças da rua, com mulheres em situações difíceis, com estudantes pelos quais vocês são responsáveis, pode ser em muitas situações: há sempre alguém à nossa volta que precisa de nós».
(em *A Vida Profissional e Mudança da Sociedade*, Julho de 2002)

«O Graal evoca qualquer coisa, mas que é muito difícil de explicar. Às vezes há pessoas que dizem "O que é isso? Foram buscar uma lenda masculina para um movimento de mulheres?". Justamente o *insight*, a visão das mulheres do Graal no fim

dos anos 20 foi de se terem apropriado do mito que fazia parte da cultura ocidental, aparentemente patriarcal. Isto é, os protagonistas eram homens, mas no fundo há um substrato em que, o que conta muito mais é essa realidade em que afinal as mulheres são fundamentais. Porque neste mito não há deuses, mas há deusas que determinam depois a evolução das coisas. Claro que há deusas boas e deusas más» (em *A Vida e a Acção do Graal em Portugal*, Fevereiro 2003).

Carta Quarta: As suas qualidades e «virtudes»

Liliana, às vezes a Maria de Lourdes falava em *role models*. Não achas que ela o foi para muita gente? Repara na força do entusiasmo, da paixão, do gosto, da alegria, das convicções que vibram!

O Sujeito Colectivo no livro *Mulher das Cidades Futuras*:

«O entusiasmo com que se empenha naquilo que faz» (Ferreira de Almeida, 2000: 158)

ELA: «A pessoa dando frutos na obra» (p. 180).

«(...) a sua obra-prima é ela própria» (p. 38).

«(...) o exercício da paixão, o seu gosto pelas ideias, (...) alguém que acredita» (pp. 265-266).

«É uma mulher atenta. (...) que se bate pelo que acredita» (p. 239).

«É a pessoa com maior erudição das que tenho conhecido em qualquer latitude» (p. 241).

«(...) a inquietação nunca se esgota» (p. 34).

«(...) uma alegria e gosto pela vida bem visíveis (...)» (p. 217).

«(...) tão jovem, no entusiasmo, na abertura aos largos horizontes (...)» (p. 46).

«(...) o entusiasmo com que se empenha naquilo que faz (...)» (p. 158).

«(...) uma guia, (...) um líder que nos entusiasma (...)» (p. 237).

«(...) operária de ideias, obreira de emoções» (p. 133).

«(...) curiosidade vigilante (...)» (p. 174).

«(...) a capacidade de sonho, inspiração e imaginação (...)» (p. 181).

«(...) pôr todas as suas qualidades ao serviço do seu semelhante e da construção de um mundo melhor (...)» (p. 280).

«(...) uma pessoa em que as convicções vibram no olhar, na palpitação das veias, e se traduzem em projectos de vida, prosseguidos com determinação» (p. 175).

«Ela é uma pessoa que valeu sempre por si, que nunca ocupou lugares por conveniência (...) que é flexível por inteligência e não por oportunismo» (p. 125).

IDEIA: «O que nos chama para dentro de nós mesmos/ é uma vaga de luz, um pavio, uma sombra incerta. / Qualquer coisa que nos muda a escala do olhar/ e nos torna piedosos, como quem já tem fé» (p. 101).

Liliana, a Maria de Lourdes era extremamente sensível à expressão facial das pessoas. Tinha muita dificuldade em falar para uma audiência onde as caras parecessem impassíveis, caras que não diziam nada, como ela protestava. Tinha a ver com a sua convicção profunda sobre a importância do entusiasmo, que, por sua vez, tem a ver com a sua espiritualidade, tema para uma outra carta.

No terceiro excerto fala da passagem dos valores às virtudes. Há tempos enviou um texto via e-mail ao *Graal* sobre esta questão.

«Gosto muito de sublinhar a palavra entusiasmo, em relação à qual muitas pessoas sentem um arrepião. Mas entusiasmo quer dizer confiança em Deus, *en Theos*. É isso que é o entusiasmo, não é uma exaltação histórica, nem um idealismo balofo, o entusiasmo é a permanência dessa forma de estar. Por isso mesmo é que o *Graal*, desde o princípio, tem uma palavra de ordem: “Sê feliz, faz os outros felizes, sorri e irradia”. Era de certa maneira, uma categoria que usávamos para perceber se as pessoas estavam realmente interessadas no *Graal*. Significava ter uma cara radiante, uma cara que nos dê esperança e essa irradiação é algo de muito bom. Se temos entusiasmo, se a confiança em Deus existe, se a transformação do mundo que queremos é real, então só se pode irradiar uma certa luz, que é o que está em causa».

(em *A História do Graal em Portugal*, 22 de Setembro 2002)

«Às vezes não sabemos quem é o nosso “outro”. É importante não vermos isto tudo em termos de um “dever”, mas olharmos para os sinais de alegria. Os sinais de alegria tornam a vida mais leve. A alegria é como uma luz. Tenho a esperança que algo de real mudará no vosso tempo de vida».

(em *A Vida Profissional e Mudança da Sociedade*, Julho de 2002)

«A questão do espaço/tempo é neste momento uma das coisas em que os grupos alternativos têm de pensar. (...) Como me faz o lugar onde estou? Como me transforma? Com me faz ir mais longe? Há muitos aspectos, no contexto actual, que podem vir a transformar a nossa maneira de viver. No princípio do Graal chamava-se a esta transição “o cotovelo do tempo”. De repente há uma total mudança de direcção. (...) O tempo muda de direcção em que o espaço, ele próprio, aparece com outras características. Uma das coisas a que já referi aqui noutra momento é a passagem dos valores às virtudes. Os valores são, de facto, uma sedimentação cultural. Em cada civilização parte-se de grandes mitos. Estes mitos geram, em geral, ideologias (...) sobretudo no ocidente, na Europa e nas duas Américas. Os mitos são esvaziados em ideologias e estas vão gradualmente, sociologicamente afirmando-se até que acabam por ser convenções sociais. O que nos interessa neste momento é a possibilidade de ir dentro de nós. Ir dentro de nós onde se podem encontrar as virtudes. Este ir dentro de nós para encontrar as virtudes é qualquer coisa de muito importante e que vem na história do pensamento. É muito anterior ao cristianismo. É estruturante para a vida de certos povos. Temos também de descobrir quais são as virtudes neste tempo de transição, neste cruzamento entre um pedaço da história

que acaba e este novo tempo. Qual é este pedaço da história que acaba? É o pedaço cartesiano e industrialista, a herança de Descartes e de outros e tudo que esteve à volta da industrialização. (...)

Nas virtudes quero chamar a atenção para a atenção».

(em *A Vida e a Acção do Graal em Portugal*, Fevereiro 2003)

Liliana, hei-de passar-te o texto da Maria de Lourdes sobre os valores e virtudes. Despeço-me com esta promessa.

Carta Quinta: A sua concepção do Graal

Liliana, esta carta segue uma lógica ligeiramente diferente. O Sujeito Colectivo não tem título e há uma parte a que chamei «ela com elas», quando um dos autores, Bento Domingues, fala do *Graal*. No fim há uns testemunhos de pessoas que se cruzaram com o *Graal*.

Acho muito interessante a primeira ideia, de Dimas de Almeida: «o Graal que se nos escapa no momento em que julgamos possuí-lo». Acho que se prende com a forma como a Maria de Lourdes gostava de falar do *Graal*. Falava em termos de um «conjunto de iniciativas», sempre diversificadas e não em termos de um «movimento». Assim, exprime-se melhor que o *Graal* é algo que está em construção permanente. Ou então que pode ser considerado uma viagem, como ela refere na parte final do seu texto.

O Sujeito Colectivo no livro *Mulher das Cidades Futuras*:

ELA: «(...) um empenhamento consciente na tarefa de “cuidar o futuro”. Hoje.

É esse o horizonte de Maria de Lourdes Pintasilgo. Aí a vejo, aí sempre a tenho visto: proclamadora de um Graal que se nos escapa justamente no momento em que julgamos possuí-lo (...)» (p. 71).

ELA com elas: «(...) o sentido do combate de Maria de Lourdes Pintasilgo e o contributo do Graal para a renovação do catolicismo português – sobretudo através da afirmação da mulher na sociedade e na Igreja – (...): não se conformar com o mundo em que vivemos, com a Igreja que somos nem com a vida que levamos. Não para virar as costas ou para desertar desses lugares da nossa luta» (p. 60).

IDEIA: «Contemporâneos, solidários no tempo e na experiência, formamos um grupo, porque partilhámos um breve momento do Universo» (p. 146).

Liliana, vamos ouvir Maria de Lourdes falar sobre «esta ideia do *Graal*».

«Esta ideia do Graal é tirada de uma multiplicidade de histórias (...) das lendas medievais (...) é o Graal enquanto mito. (...) No princípio, insistíamos na ideia que o

Graal é um cálice, qualquer coisa que se enchia e que transbordava, uma espécie de ideia de eternidade, como aparecia para os Antigos. Esta vida vai transbordar numa outra vida, uma vida que é a vida, mas que transborda desta, sem se separar dela. (...)

Uma vez fiquei muito contente com o que o Picasso disse numa entrevista. Alguém lhe perguntou: “O senhor, através de todo o seu trabalho, afinal o que procurou?”. Picasso disse: “Eu não procuro, eu encontro”. Fiquei muito tocada por essa ideia. Tenho andado a fazer alguma reflexão e alguma investigação sobre isto (...) e de facto nas lendas do Graal não é agarrar no Graal o que conta. O que conta é o caminho, é a viagem. É essa viagem que é significativa».

(em *A Vida e a Acção do Graal em Portugal*, 22 de Fevereiro 2003)

Liliana, há no livro alguns testemunhos de pessoas que se cruzaram com a Maria de Lourdes nesta *viagem*. São as vozes de três mulheres e um homem.

«**Partira com a noção de fazer algo de útil**»

«Sair de casa para ir participar num campo de alfabetização através do Método Paulo Freire no Verão de 1970, na região de Portalegre (...). Partira com a noção de fazer algo de útil, “dar-me pelos outros”, e encontrei um grupo que reflectia social e politicamente as realidades portuguesas e formas de emancipação, num contexto de ditadura (ainda que com sinais de alguma aparente mudança). (...) foi uma experiência de um refundar de maneira de estar. (...) Nos anos seguintes, continuei a poder participar em reuniões e encontros com Lourdes Pintasilgo – era, então para mim, uma figura estruturante de adulta reflexiva e criadora (...)» (Araújo, 2000: 119 – 120).

«**Eram encontros que tinham ritmos claros de vida**»

«De tudo isto ela nos falava em incisivas palavras que corriam em nós como rio alagando terra seca. (...) Eram encontros que tinham ritmos claros de vida: conversava-se, discutia-se, punha-se a mesa, partilhava-se o pão, lavava-se a loiça. A Maria de Lourdes participava em todos os gestos que assim inscreviam no quotidiano a marca do acontecer, o sal da terra» (Laborinho, 2000: 33).

O Graal «soube ocupar-se, e preocupar os que dele se abeiravam»

«Em Coimbra passei a cruzar-me amiúde com Lourdes Pintasilgo, a propósito das actividades desse movimento da Igreja que, a par da luta pela dignidade da Mulher na sociedade portuguesa, soube ocupar-se, e preocupar os que dele se abeiravam, com muitos outros problemas graves da sociedade e do nosso tempo. Deste período, porventura mais esquecido, evoco, a título de exemplo, a iniciativa dirigida aos universitários sobre o flagelo do analfabetismo e da sua espantosa magnitude em Portugal e a experiência inesquecível daqueles que, durante umas férias grandes, tentaram pôr em prática em duas comunidades suburbanas de Coimbra o método de alfabetização de adultos preconizado por Paulo Freire» (Barbosa de Melo, 2000: 39).

«**Devo a MLP o ter aberto “sulcos” num terreno teimoso**»

«O GRAAL era uma referência, um ponto de encontro e as actividades eram sempre variadas. (...) Os encontros no Centro do GRAAL da Holanda, a experiência de um ano de comunidade no Centro de Paris, os vários encontros (...) em Portugal, permitiram-me conhecer de perto a forma como a Lourdes ligava o coração à razão em muitas situações e devo-lhe uma visão do mundo mais humana, onde a utopia deve sempre ser posta em prática. (...) devo a Maria de Lourdes Pintasilgo o ter aberto “sulcos” num terreno teimoso (...)» (Coelho, 2000: 195-196).

Carta Sexta: A sua espiritualidade

Liliana, a Maria de Lourdes era um *continuum* de espiritualidade-e-materialidade-não-dicotómicas. A sua fé não era da ordem do além, mas da ordem do aqui. Tinha uma fé profunda na Boa Nova de Jesus Cristo e anunciava essa Boa Nova com palavras e actos. Por isso está escrita uma frase de Angelus Silesius na pedra tumular onde o seu corpo repousa: *Fiz de Deus o centro da minha vida*.

O Sujeito Colectivo no livro *Mulher das Cidades Futuras*:

«**Profeta (s) de raízes, no princípio era a acção**» (Louçã, 2000: 106).

EU: «(...) a componente mística da sua personalidade, que não a isola do mundo, é-me simpática (...)» (p. 275).

ELA: «(...) o sopro que a alma vem de dentro e fala da verdade» (p. 257).

«Ela mede/ o fogo pela alma (...)» (p. 229).

«uma mulher com a forte e a serena coragem de se entregar a uma missão (...)» (p. 67).

«(...) apenas nos repete a lição socrática de que “uma vida sem exame não vale a pena ser vivida!”» (p. 258).

«(...) a sua capacidade espiritual de agregar e congregar pessoas e ideias» (p. 40).

IDEIAS: «(...) desejar com outros, na consciência que isso amplifica a evidência e a inevitabilidade desse desejo» (p. 81).

«Podemos sempre ir mais além» (p. 31),

«(...) no deserto cuidar/ que alguma flor/ persista» (p. 30).

«Desapego não é descuidar, é cuidar com mãos mais ligeiras que sabem olhar além do horizonte quotidiano (...)» (p. 98).

Liliana, a Maria de Lourdes era muito exigente consigo própria. Também o era com as pessoas que trabalhavam com ela no contexto do *Graal*. A exigência era consequência da sua forma não dicotómica de viver a fé. Os talentos eram para ser utilizados. Cada uma devia contribuir com as suas «capacidades de visão».

«No espírito do verdadeiro *Graal*, há um preconceito de benevolência e de simpatia, que é um dom que não se pode perder num mundo construído sobre o ódio e sobre o preconceito negativo relativamente às intenções das pessoas. Isto era qualquer coisa de fundamental que nos animava.

(...) “Se tens alguma coisa contra o teu irmão, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão” (...) Esta inspiração evangélica foi muito intensa em todos estes anos do começo do *Graal*. Assentava, sobretudo, numa coisa muito importante: não havia nada a ideia de que era preciso lutar contra o pecado, palavra que não se usava sequer. Os nossos programas eram todos para desenvolver os talentos, descobrir qual era o talento de cada uma e ver o que se podia ser e fazer com esse talento. A nossa Presidente, a Rachel Donders, definia como três os grandes valores: a entrega de si mesma, um amor universal sem fronteiras e uma disponibilidade sem limites. Este sentido da disponibilidade foi extremamente importante e ajudou-nos a viver depois, mais tarde, também a outros níveis, o que é um mundo sem fronteiras. Havia decisões tomadas de um dia para o outro e só voltei a encontrar isto aqui há uns anos atrás em Taizé. (...)

Esta ideia do estar disponível era muito importante numa sociedade que era muito fechada».

(em *A História do Graal em Portugal*, 22 de Setembro de 2002)

«Em todas as histórias sobre o *Graal* fala-se mais de uma coisa maravilhosa, com qualificação indeterminada (...) que pertence mais a uma atmosfera religiosa do que a uma existência específica que possamos definir com toda a clareza.

Jean Cocteau escreveu uma peça lindíssima em que desenvolve esta ideia. A certa altura o Rei pergunta, “Como é o *Graal*?” (...) Alguém lhe diz: “Mas tu que sabes o que é o *Graal*, não dizes o que é?” O Rei responde “Eu sei o que é o *Graal*. Tenho passado a minha vida no caminho para o *Graal*, mas sou aquele que o faço ver aos outros.” Neste sentido é o caminho que se inicia e que outros vão continuar.

O *Graal* é uma imagem simbólica e por isso mesmo qualquer coisa a que podemos dar o conteúdo que quisermos. Este caminho não existe em função de qualquer coisa. Há uma frase de um autor inglês que define bem esta ideia: “É um instrumento de visão e cada um tira desse instrumento na proporção da sua capacidade de para ele contribuir”»*.

(em *A Vida e a Acção do Graal em Portugal*, 22 de Fevereiro 2003)

* Maria de Lourdes traduz de um autor inglês, de quem não se percebe o nome na gravação.

Não sentiste, Liliana, na única conversa que tiveste com a Maria de Lourdes em que te propôs fazeres parte do grupo de estudos interdisciplinares da Fundação *Cuidar o Futuro*, que te fez «ver o caminho» a partir da tua própria capacidade de contribuir?

Carta Sétima: O seu desejo de cuidar o futuro

Liliana, nos últimos anos da sua vida, a Maria de Lourdes dedicou muito do seu tempo a uma nova iniciativa a partir do contexto *Graal*. Lançou, em conjunto com algumas mulheres do *Graal* e outras a Fundação *Cuidar o Futuro*. Uma nova instituição para fazer coisas novas.

O Sujeito Colectivo no livro *Mulher das Cidades Futuras*:

«As instituições são as moradas das aspirações» (Alves Costa, 2000:20).

ELA: «(...) os seus olhos sabiam ler o lento fluir do tempo/e o seu sorriso entornava esperança/ porque era capaz de adivinhar o sonho que se esconde/por detrás do horizonte que nos cerca» (p. 41).

IDEIAS: «(...) estar nas instituições “para fazer”» (p. 239).

«(...) navegar sem mapa na busca de uma identidade pessoal, na construção de cada um de nós, genuinamente e em íntima, generosa e poética ligação com o que nos cerca» (p. 263).

«Se (...) formássemos comunidades onde todos fôssemos de facto interactivos e estivessemos realmente interligados?» (p. 261).

«As próximas gerações estarão (...) ávidas de mensagens “humanas”» (p. 43).

E é aqui que Maria de Lourdes explica este novo fazer, Liliana.

«E finalmente a fase final da nossa história *Graal*. Num momento em que tudo é fluido, em que os conceitos estão todos desarrumados, em que não se sabe o que é o quê, é extremamente importante dar uma expressão institucional a algumas das coisas que, para nós, têm sido fundamentais. Uma dessas coisas é aquilo que estamos a pôr de pé, que já existe e que é a Fundação *Cuidar o Futuro*, que vai tentar aprofundar tudo o que foi teoria subjacente, fazendo primeiro um acervo da grande riqueza documental que existe, através de um programa que se chama “O futuro do passado”. Depois, gradualmente, vai ser um trabalho de pesquisa para as gerações actuais e vindouras e, nesse sentido, fui muito influenciada por um amigo que escreveu assim: “As instituições são as moradas das aspirações. (...) Eu não tenho dúvida em exprimir uma nova esperança, porque não sendo o andar que nos cansa, o que cansa é não acreditar.” (Alves Costa, 2000: 20). Penso que é este acreditar no esforço para podermos andar que é fundamental».

(em *A História do Graal em Portugal*, 22 de Setembro de 2002)

Há vários programas a funcionar na Fundação, Liliana. Sinto-me responsável pelo facto de te ter colocado em contacto com a Maria de Lourdes. Se quiseres podemos marcar encontro para vermos como podias agarrar o desafio que a Maria de Lourdes te lançou.

Carta de despedida: Às gerações vindouras

Querida Liliana

Talvez perguntes, por que é a ti que escrevo? São várias as razões. Em primeiro lugar, porque sei que não ficas com as coisas para ti. O que te move é um desejo forte de partilhar ideias e projectos. Em segundo lugar, porque tiveste a oportunidade de encontrar a Maria de Lourdes (apenas) uma vez e de conversar com ela durante duas horas, enquanto as minhas horas de conversa se espalham por um «lento fluir» de mais de três décadas. Então sinto que «te devo alguma coisa». Em terceiro lugar por uma razão apontada por um dos autores no livro *Mulher das Cidades Futuras*: «(...) os actos, os escritos e outros comportamentos projectam mensagens destinadas também às gerações vindouras e estou certa que as suas serão ainda muito melhor compreendidas no futuro» (Gouvêa Portela, 2000: 43). Em relação à *história* apresentada nas cartas, Liliana, sei que fazes parte de uma geração de futuro capaz de compreender as mensagens de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Para terminar, Liliana, vai aqui um excerto do poema que Ana Hatherly dedicou à Maria de Lourdes: «A distração/porém/é uma forma superior de ocultação» (p. 27) e que tem a ver com uma das mensagens escritas que Maria de Lourdes me deixou, em Setembro de 1998, no meu exemplar do livro *Cuidar o Futuro. Um programa radical para viver melhor*, livro que tu também conheces. É com estas palavras que me despeço de ti, Liliana:

«No tempo que tivermos juntas,
CUIDAR O FUTURO
é a nossa missão comum.
Que nada nos distraia, Marijke»

Referências Bibliográficas

Allegro de Magalhães, Isabel (2000) (coord.), *Mulher das Cidades Futuras*, Lisboa, Livros Horizonte.

Marijke/Maria Helena de Koning é natural da Holanda. Trabalhou com Maria de Lourdes Pintasilgo no contexto do *Graal*, entre várias iniciativas na Rede europeia LIEN, uma rede de intercâmbio e de aprendizagem de jovens mulheres com formação académica. É coordenadora do programa de investigação *Literacia Mulheres Liderança* da Fundação *Cuidar o Futuro*. É docente na Escola Superior da Educação do Porto.

Anexo

Autores e autoras citados/as no livro *Mulher das Cidades Futuras* (por ordem alfabética)

Agostinho Jardim Gonçalves	José Carlos Ferreira de Almeida
Alberto Melo	José Keating
Alexandre Alves Costa	José Portela
Alfredo Bruto da Costa	José Tolentino de Mendonça
Ana Hatherly	Luciana Stegagno Picchio
Ana Luísa Amaral	Luís Moita
Ana Maria Braga da Cruz	Luísa Beltrão
Ana Paula Laborinho	Luiz Veiga da Cunha
António Almeida Santos	Manuel J. do Carmo Ferreira
António Barbosa de Melo	Manuela Silva
António Cardoso Ferreira	Margarida Coelho
António Gouvêa Portela	Maria do Carmo Romão
Augusto Santos Silva	Maria do Céu Guerra
Bento Domingues	Maria Gabriela Monteiro da Silva
Daniel Serrão	Maria Irene Ramalho
Diana Andringa	Maria Isabel Barreno
Dimas de Almeida	Maria João Avillez
Eduardo Lourenço	Maria José Nogueira Pinto
Eduardo Ferro Rodrigues	Maria João Seixas
Eduardo Prado Coelho	Maria Leonor Beleza
Eugénia Vasques	Maria de Medeiros
Fanha	Maria Teresa Féria de Almeida
Fátima Carvalho	Maria Teresa Horta
Fátima Carvalho	Miguel Graça Moura
Fernando Belo	Miguel Portas
Fernando Dacosta	Nuno Grande
Fiama Hasse Pais Brandão	Nuno Teotónio Pereira
Francisco Louçã	Regina Amorim Tavares da Silva
Frederico Monteiro da Silva	Rodrigo Manuel de Sousa e Castro
Helena Araújo	Silvério Marques
Helena Vaz da Silva	Teolinda Gersão
Hélia Correia	Teresa Ambrósio
Isabel Hub Faria	Teresa Joaquim
Joana de Barros Baptista	Urbano Tavares Rodrigues
João Seabra Diniz	Vítor Alves